AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

VOL. 1 Nº 02 21 de Janeiro de 1977

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

INSTITUTO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

AGROANALYSIS

GRUPO DE INFORMAÇÃO AGRÍCOLA

vol. 1 nº 02 21 de Janeiro de 1977

SUMÁRIO

ANÁLISE DA QUINZENA

O Complexo Soja em 77: considerações sobre o mercado mundial (pág. 2)

COMENTÁRIOS DA QUINZENA

Açúcar: compras chinesa e soviética no mercado internacional provocam alta apenas temporária (pág. 6)

Cereais: atual tendência de baixa nos preços internacionais pode ser revertida a partir do novo ano-safra (pág. 7)

Feijão: especulação retarda normalização do abastecimento, refletindo esperanças de preços mais altos (pág. 8)

NOTAS ESTATÍSTICAS

Evolução das áreas de plantio de soja, milho e algodão nos EUA e sua possível relação com os preços soja/milho e soja/algodão (pág. 10)

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA

357882

338.105/0004 p

ANÁLISE DA QUINZENA

O Complexo Soja em 77: Considerações sobre o Mercado Mundial

A característica mais notável do mercado internacional da soja nos últimos meses tem sido o continuado vigor da demanda, contrastando com o atual quadro de retração da oferta mundial da leguminosa. Considerando-se que no período outubro/março os Estados Unidos são, praticamente, o único ofertante no mercado da soja, os preços internacionais nesta época do ano são influenciados decisivamente por aquele país. A estabilidade de preços neste período requer, portanto, que a demanda seja compatível com a produção norte-americana.

Entretanto, embora a quantidade de soja colhida nos Estados Unidos tenha se reduzido de 41 milhões de ton em 1975 para 34 milhões em 1976, o volume total de soja processada pelas indústrias norte-americanas permaneceu praticamente inalterado, comparando-se o último trimestre de 1976 com o trimestre correspondente em 1975 (Ver tabela abaixo).

ESMAGAMENTO DE SOJA
(em 1 milhão ton)

	OUT/DEZ		JAN/DEZ	
	1976	1975	1976	1975
Europa Ocidental	3,2	2,9	11,5	10,5
Estados Unidos	5,9	6,0	23,8	20,2
Principais Esmagadores (*)	11,9	11,6	47,8	40,0

(*) Europa Ocidental, EUA, URSS, Brasil, Canadá, Argentina e Japão
FONTE: Oil World - Elaboração GIA.

Como revela a tabela anterior, a quantidade de soja processada pelos principais esmagadores cresceu em 300 mil ton (2,6%) no período outubro/dezembro de 1976, comparado com o mesmo período do ano anterior. Observe-se que o esmagamento teve uma expansão mais acelerada na Europa Ocidental, crescendo 10% no último trimestre de 1976, comparado com o mesmo trimestre de 1975.

Esses números são indicadores expressivos do comportamento atual da demanda internacional da soja, proporcionando informações relevantes para a análise das tendências dos preços de mercado. Revelam, por exemplo, uma certa insensibilidade da demanda ao aumento nos preços internacionais. Desde agosto do ano passado até a primeira semana de janeiro deste ano, o preço da soja norte-americana (nearest future) elevou-se em 11% em Rotterdã, o que não foi suficiente para desencorajar as importações da Europa Ocidental, que evoluíram de 2,6 milhões de ton no terceiro trimestre do ano passado para 3,2 milhões no último trimestre do ano, traduzindo um incremento de 23% no período.

O nível comparativamente elevado da demanda mundial de soja resultou do aumento no consumo mundial de rações, favorecido pelos baixos preços do milho praticados no mercado internacional. O aumento no consumo de rações gerou o atual nível de demanda por farelo de soja, pressionando os estoques do produto e elevando a produção das indústrias de esmagamento norte-americanas a níveis superiores às estimativas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). Por outro lado, isto tem causado uma oferta excessiva de óleo de soja no mercado internacional, como atesta a tabela abaixo, que compara os estoques do produto nos EUA nos últimos anos:

ESTOQUES DE ÓLEO DE SOJA NOS ESTADOS UNIDOS

(em 1.000 ton)

Ano	Estoque em 31/10
1973	239
1974	331
1975	256
1976	609

Observa-se que o estoque de óleo em 31/10/76, nos EUA, é bastante superior aos níveis registrados nos anos anteriores. Além disso, o mercado mundial de óleos comestíveis continua a sofrer o impacto da crescente produção de óleo de palma da Malásia que, no ano passado, alcançou 1,25 milhão de ton, comparado com 1,12 milhão em 1975. Destaque-se que 95% da produção de óleo de palma da Malásia é exportada e, na sua maior parte, para o mercado norte-americano.

Evidentemente, esta situação tem se refletido no comportamento dos preços internacionais do óleo de soja, que não têm acompanhado "pari-passu" o aumento nos preços do grão e do farelo. De agosto de 1976 até a primeira semana de janeiro, o preço do óleo de soja no mercado internacional aumentou apenas 8%, comparado com o incremento de 11% no preço do grão e com 15% no preço do farelo, naquele mesmo período. Quando o mercado de óleo de soja apresenta um quadro de oferta excessiva, duas alternativas mutuamente exclusivas se apresentam:

a) Redução no preço da soja em grão, se o fato preponderante for o excedente de óleo;

b) aumento no preço do farelo de soja, se preponderar a firmeza no mercado de rações.

Como a demanda mundial por farelo de soja tem se revelado acima do que pode ser sustentado pela oferta disponível para esta estação, a segunda alternativa é a mais provável para os próximos meses.

Podem-se esperar, portanto, preços firmes no mercado da soja em 1977. Apesar da elevada disponibilidade mundial de cereais, a situação de oferta e demanda analisada acima faz prever continuidade, para os próximos meses, da presente tendência de alta dos preços internacionais. Um outro fator que reforça este prognóstico é a esperada redução no excedente mundial exportável de oleaginosas, óleos e gorduras para esta temporada, resultante principalmente, da queda na produção norte-americana de soja. As disponibilidades mundiais de exportação de soja e óleo de soja deverão se reduzir em 12% em 76/77, enquanto

as exportações efetivas continuarão elevadas, provavelmente um pouco abaixo do alto nível alcançado em 75/76. Da mesma forma, o excedente mundial exportável de farelo de soja deverá sofrer uma forte redução em 76/77, caindo para 24,8 milhões de ton, em comparação com 28,8 milhões em 75/76, enquanto as exportações efetivas do produto permanecerão praticamente inalteradas, em torno de 24,4 milhões de ton.

No caso do óleo de soja, entretanto, os indicadores atuais do mercado não são suficientes para assegurar a confiança em uma tendência de alta de preços. O comportamento do mercado de óleo de soja nesta temporada ficará dependendo de possíveis importações por parte da URSS, China, Índia e dos países produtores de petróleo. Se concretizadas, essas importações teriam um efeito expansivo sobre os preços internacionais do produto. Outra possibilidade no mesmo sentido pode resultar da provável redução no esmagamento, sobretudo nos EUA, se continuar o aumento dos preços da soja em grão. Com a redução na produção de farelo/óleo, os preços do óleo de soja poderão se beneficiar da tendência de alta dos preços do grão.

Em contrapartida, a evolução da relação de preços óleo de soja/óleo de palma no último semestre do ano passado, configurou um barateamento relativo do óleo de palma, fazendo prever uma substituição de consumo em favor deste último produto. Finalmente, a continuar elevada a relação de preços soja/milho no mercado internacional, pode-se esperar por substituição de culturas nos EUA em favor da soja, o que terá uma influência depressiva sobre os preços de todo o complexo soja.

*****
****
***
*

COMENTÁRIOS DA QUINZENA

*** AÇÚCAR

As recentes compras chinesas de açúcar (500.000 ton das Filipinas), somadas às aquisições soviéticas (600.000 ton do mesmo país), realizadas a preços acima das cotações de mercado internacional provocaram repentina (embora temporária) alta de mais de 40% no preço (de US$0,80/lb-peso para US$0,115/lb-peso).

Tradicionalmente, a URSS apresenta saldo exportador de cerca de 1,0 milhão de ton no seu balanço açucareiro. É, assim, na categoria de exportador líquido, que participa do "International Sugar Agreement" (ISA). O paradoxo da recente transação é ainda maior porque coincide com excelente safra de beterraba açucareira (85 milhões de ton - 28% acima da safra anterior). Obviamente, o açúcar filipino recentemente adquirido deverá ser objeto de revenda antes de abril, quando haverá a reunião de Genebra, para o estabelecimento do novo ISA.

A localização politicamente estratégica das Filipinas vem sendo explorada sabiamente pelo presidente Ferdinando Marcos, constituindo-se em instrumento decisivo para eliminação do grande estoque de açúcar filipino, num mercado tipicamente ofertante. O contexto geopolítico dos países do Pacífico oferecem, no momento, um poder de barganha de que, possivelmente, nem mesmo Cuba disponha na América Latina, diante dos líderes do comércio mundial.

As manobras filipinas têm repercussões efêmeras sobre o preço internacional, que certamente continuará deprimido, pois o açúcar presentemente retirado voltará substancialmente ao mercado internacional. De modo especial, o significado das aquisições chinesa e soviética interessará precipuamente aos cientistas políticos.

*** CEREAIS

No dia 17 deste mês foram publicados pela FAO os resultados da produção mundial de cereais em 76, confirmando os prognósticos, desde meados do ano passado, de excelente colheita em diversos países. No início do mês, a União Soviética também divulgava os números definitivos de sua safra recorde de grãos em 76: 223,8 milhões de ton, comparado com 137 milhões em 75 e com o recorde anterior, de 222,5 milhões em 73.

Aparentemente, a divulgação dessas informações teria um efeito depressivo adicional sobre os atuais níveis de preços do milho e do trigo, praticados no mercado internacional. Entretanto, a elevada produção de cereais já havia sido antecipada desde julho do ano passado, forçando o aviltamento das cotações internacionais do milho e do trigo. No período julho/novembro, as cotações do trigo em Chicago reduziram-se em 35%, enquanto as do milho sofriam uma queda de 16%. A partir de novembro, as cotações desses cereais atingiram uma resistência de baixa, além da qual parece improvável a continuação da tendência de queda dos preços, apesar da recente divulgação dos números definitivos da produção mundial.

A perspectiva dos preços internacionais para 77 dependerá das intenções de plantio nos Estados Unidos. O USDA prevê que a área plantada do trigo de inverno naquele país poderá se reduzir em 3%, fator que pode conduzir a uma ligeira melhoria nos preços deste cereal. Da mesma forma, é previsível uma redução na área plantada de milho nos EUA em favor da soja, que vem alcançando altas cotações no mercado internacional (vide notas estatísticas pág. 10). Finalmente, deve ser enfatizado que a elevada produção de cereais na URSS em 76 foi, na verdade, muito superior à média de 187 milhões de ton registrada nos últimos sete anos. A produção soviética de grãos tem se caracterizado pela alternância de anos de frustração de safras e anos de abundância. Isto reforça a suposição de que os soviéticos poderão não repetir os bons resultados de 76, contribuindo para alçar os preços dos cereais de sua conjuntura deprimida, a partir do segundo semestre deste ano.

Quanto aos reflexos da situação internaciona sobre o mercado brasileiro, pode-se esperar por substancial redução n valor das importações de trigo em 77 em consequência da queda dos pre ços e da redução da quantidade importada. Em relação ao milho, embor seja previsto um excedente exportável de 3 milhões de ton neste an (estimativa CFP), os baixos níveis de preços praticados no mercado mu dial tornam gravosas as exportações nacionais. Para a safra 77/78, gravosidade poderá aumentar em conseqüência da retirada do subsídio ac fertilizantes, se não ocorrer a esperada recuperação dos preços inter nacionais.

*** FEIJÃO

A normalização do abastecimento de feijão pret no Rio de Janeiro, esperada para o final de dezembro, não se verifico até esta semana. Duas hipóteses surgem, naturalmente, para explicar fato:

- a safra paranaense não seria tão abundant quanto se supôs anteriormente, ou
- os intermediários têm retido os novos esto ques, especulando sobre o preço futuro.

Segundo as informações que nos chegam do Para nã, a safra é suficiente para atender ao mercado carioca. De fato, possível encontrar qualquer quantidade de feijão na periferia da cida de, desde que se disponha a pagar um ágio de CR$ 5,00 a CR$ 7,00 sobr o preço de tabela.

De início, a responsabilidade pela atual escas sez do produto nos supermercados fiscalizados, não coube apenas aos i termediários. A crise de abastecimento do feijão, que perdura há mai de quatro meses, estimulou o apetite dos produtores. Ao início da co lheita lhes foi possível onerar o preço da saca de 60 kg. Mas à medi da em que a produção alcançou seu ápice, os produtores se viram obrig dos a reduzir o preço de venda.

Como se observa, a impossibilidade de se cumpri a tabela foi resultado, inicialmente, das expectativas de manutenção de preço por parte dos produtores. Atualmente, com a colheita paranaense praticamente concluída, a comercialização a nível do produtor já não constitui explicação suficiente para a suposta escassez. Os estoques, estando em mãos dos intermediários, refletem as possibilidades futuras do mercado. Se os intermediários decidem estar numa posição de reter estoques para comercialização futura, desprezando as atuais condições de preço nos mercados fiscalizados, é porque existe consenso a respeito da superveniência de fatos novos:

- o reajuste do preço da tabela, incorporando a taxa inflacionária

- a especulação de que as safras a serem colhidas ainda este ano sejam insuficientes para atender à demanda nos próximos meses. Pode ser que a quebra de safra na região de Irecê constitua um primeiro indicador favorável a tais especulações.

*****
****
**
*

NOTAS ESTATÍSTICAS

Secundando a atual discussão sobre a área a ser plantada com soja, milho e algodão na safra norte-americana 77/78, procura-se avaliar a influência dos preços recebidos pelos produtores na decisão de plantio dessas culturas. Para tanto, examina-se o comportamento dos preços relativos soja/milho e soja/algodão e as áreas plantadas destes produtos, na tentativa de se estabelecer alguma relação entre as áreas de plantio e uma "proxy" para os preços à época da colheita.

Numa primeira abordagem, pode-se supor que a expectativa de preços para colheita em setembro de qualquer ano t se forma a partir dos preços recebidos pelos produtores durante os meses de comercialização da safra anterior. A construção de preços relativos pela média dos preços recebidos durante os meses de dezembro do ano $t-1$ a fevereiro do ano t decorre do fato de os produtores ainda reterem em seu poder, durante estes três meses, pelo menos 50% da safra colhida no ano $t-1$, e em fase de comercialização no primeiro semestre do ano t. Os dados de área, por sua vez, levam em consideração que as intenções dos produtores são bem espelhadas pelas estatísticas de área plantada (salvo no caso do algodão, por causa da política de "allotments": daí o uso de área colhida).

Do confronto entre os dados, é possível observar que a área plantada de soja responde bem ao estímulo oferecido pelo preço relativo soja/algodão. O mesmo não ocorre, entretanto, quando o estímulo considerado é o preço soja/milho. Por outro lado, a correlação entre o preço soja/milho e a área plantada com milho tem sinal negativo (como se poderia esperar) e é significativa, enquanto a correlação entre o preço soja/algodão e a área do algodão não é significativa.

No gráfico da página seguinte, observam-se as projeções dos preços relativos soja/milho e soja/algodão. Embora as projeções de preço sejam ainda preliminares (por estar incompleto o trimestre DEZ 76/FEV 77), pode-se esperar expressiva recuperação do preço soja/milho em relação ao trimestre DEZ 75/FEV 76. Enquanto isso, o preço relativo soja/algodão apresenta apenas uma leve tendência ascendente.

Em vista das correlações entre preços relativos e áreas de plantio discutidas acima, as projeções de áreas no gráfico apresentam as seguintes configurações:

a) a redução da área plantada de milho pode ser projetada com bastante segurança, mas a magnitude do aumento da área de soja está sujeita a um amplo intervalo de variação;

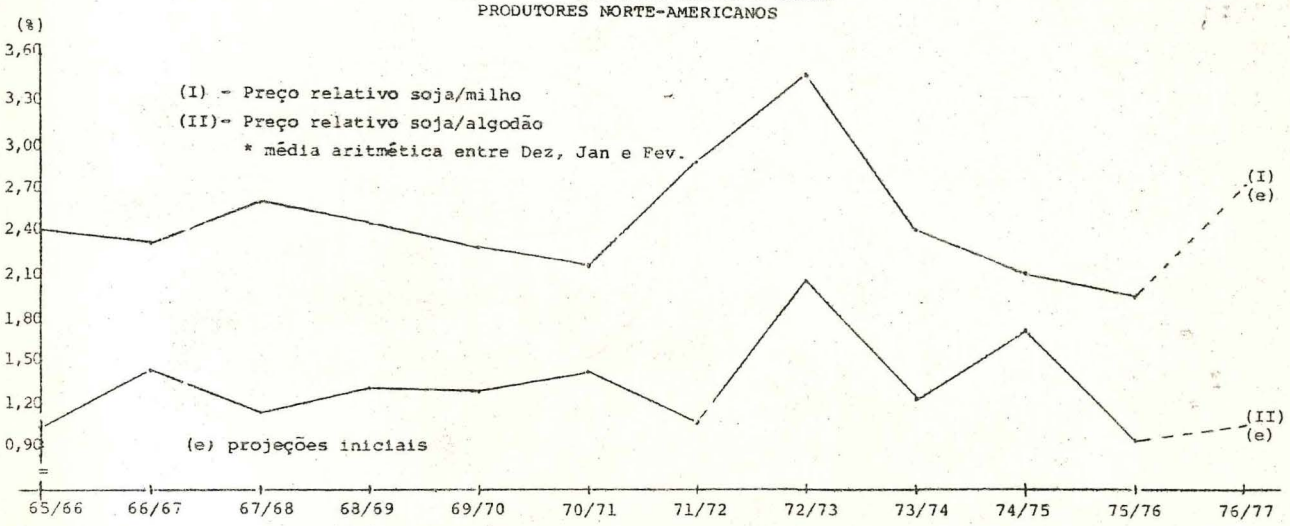
b) o anunciado aumento na área do algodão, embora modesto, não coincide com o comportamento recente do preço relativo soja/algodão. Neste caso, por insignificante a correlação entre as duas séries, o comportamento do preço relativo pouco contribui à explicação das variações nas áreas de plantio.

ÁREAS PLANTADAS DE CULTURAS E SEUS PREÇOS MÉDIOS[1]
RELATIVOS A NÍVEL DE PRODUTOR NOS E.U.A.

ANOS	ÁREAS PLANTADAS (Milhões acres)			PREÇO MÉDIO RELATIVO	
	Soja	Milho	Algodão(colhida)	Soja/Milho	Soja/Algodão
1966	37,3	66,3	9,5	2,39	1,03
1967	40,8	71,2	8,0	2,31	1,43
1968	42,?	65,1	10,2	2,59	1,14
1969	42,5	64,3	11,1	2,45	1,30
1970	43,8	66,8	11,2	2,27	1,28
1971	43,5	74,1	11,5	2,15	1,41
1972	46,9	67,0	13,0	2,86	1,06
1973	56,7	71,9	12,0	3,45	2,04
1974	53,5	77,8	12,5	2,38	1,23
1975	54,6	77,9	9,1	2,09	1,70
1976	50,9	80,8	11,8	1,93	0,94

1 - média aritmética de dez do ano anterior e jan, fev do ano assinalado.
Fonte: Commodity YearBook; Cotton Outlook; Commodity Chart Service.
Elaboração : GIA.

PREÇO MÉDIO* RELATIVO RECEBIDO PELOS
PRODUTORES NORTE-AMERICANOS



ÁREA PLANTADA DE CULTURAS NOS E.U.A.

